

Editora Zain

Todas as manhãs do mundo

Pascal Quignard

TRADUÇÃO
Yolanda Vilela

zain

© Éditions Gallimard, Paris, 1991

© Editora Zain, 2023

Todos os direitos desta edição reservados à Zain.

Título original: *Tous les matins du monde*

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor em 2009.

EDITOR RESPONSÁVEL

Matthias Zain

CAPA

Paula Albuquerque

PROJETO DO MIOLO

Julio Abreu

PREPARAÇÃO

Cristina Yamazaki

REVISÃO

Marina Saraiva

Ingrid Cardoso

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Quignard, Pascal

Todas as manhãs do mundo / Pascal Quignard ; tradução
Yolanda Vilela. – 1ª ed. – Belo Horizonte, MG : Zain, 2023.

Título original: *Tous les matins du monde*

ISBN 978-65-85603-02-7

1. Ficção francesa I. Título.

23-156950

CDD-843

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura francesa 843

Cibele Maria Dias – Bibliotecária – CRB-8/9427

Zain

R. São Paulo, 1665, sl. 304 – Lourdes

30170-132 – Belo Horizonte, MG

www.editorazain.com.br

contato@editorazain.com.br

instagram.com/editorazain

Sumário

Todas as manhãs do mundo	9
Posfácio de época	89

Todas as manhãs do mundo

I

Na primavera de 1650, a senhora de Sainte Colombe morreu. Deixou duas filhas, de dois e seis anos. O senhor de Sainte Colombe ficou inconsolável com a morte da esposa. Amava-a. Foi nessa ocasião que compôs o *Túmulo dos lamentos*.

Vivia com as duas filhas numa casa com um jardim que dava para o Bièvre. O jardim era estreito e cerrado até o riacho. Em suas margens havia salgueiros e também uma canoa, na qual Sainte Colombe se sentava à tardinha, quando o tempo estava agradável. Não era rico, embora não pudesse se queixar de pobreza. Tinha uma terra no Berry que lhe dava uma renda modesta e vinho, que ele trocava por tecidos e às vezes por caça. Não tinha habilidade para caçar e detestava trilhar as florestas que se elevavam acima do vale. O dinheiro pago por seus alunos completava-lhe os rendimentos. Ensinava viola da gamba, que estava na moda em Londres e em Paris. Era um mestre renomado. A seu serviço tinha dois criados e uma cozinheira, que cuidava das pequenas. Um homem que pertencia ao grupo de frequentadores de Port-Royal, o senhor de Bures, ensinou às crianças as letras,

os números, a história sagrada e os rudimentos de latim que lhes permitiam compreendê-la. O senhor de Bures morava em um beco da rua Saint-Dominique-d'Enfer. Foi a senhora de Pont-Carré que recomendara o senhor de Bures a Sainte Colombe. Este ensinara a suas filhas, desde a mais tenra idade, as notas e as claves. Elas cantavam bem e tinham inclinações reais para a música. Quando Toinette completou cinco anos e Madeleine nove, os três juntos executavam pequenos trios vocais que apresentavam certas dificuldades, e ele se alegrava ao ver a elegância com que as filhas as resolviam. Naquela época, as pequenas se pareciam mais com Sainte Colombe e evocavam menos os traços da mãe; contudo, a lembrança desta última permanecia intacta nele. Passados três anos da sua morte, a imagem dela ainda continuava em seus olhos. Passados cinco anos, a voz dela ainda sussurrava em seus ouvidos. Era quase sempre taciturno, não ia a Paris nem a Jouy. Dois anos após o falecimento da senhora de Sainte Colombe, ele vendeu seu cavalo. Não conseguia superar a tristeza de não ter estado presente quando a mulher expirou. Na ocasião, encontrava-se à cabeceira de um amigo do falecido senhor Vauquelin, que desejara morrer com um pouco de vinho de Puisey e música. O amigo faleceu depois do almoço. Quando o senhor de Sainte Colombe chegou em casa, na carruagem do senhor de Savreux, passava da meia-noite. Sua mulher já estava vestida e cercada de círios e lágrimas. Ele

não abriu a boca, mas não quis ver mais ninguém. Como o caminho para Paris não era calçado, eram necessárias duas boas horas a pé para chegar à cidade. Sainte Colombe fechou-se em casa e dedicou-se à música. Exercitou-se na viola durante anos, tornando-se um mestre conhecido. Durante as duas estações que se seguiram à morte da esposa, chegou a praticar quinze horas por dia. Mandara construir uma cabana no jardim, perto dos galhos de uma grande amoreira que datava dos tempos do senhor de Sully. Quatro degraus bastavam para alcançá-la. Assim, podia trabalhar sem incomodar as pequenas, que faziam as lições ou brincavam, ou então, depois que Guignotte, a cozinheira, as tivesse colocado na cama. Achava que a música importunaria a conversa das meninas, que tagarelavam no escuro antes de dormir. Encontrou uma maneira diferente de manter a viola entre os joelhos sem que fosse preciso apoiá-la na panturrilha. Acrescentou ao instrumento uma sétima corda, assim ele ficava mais grave e ganhava uma tonalidade mais melancólica. Aperfeiçoou a técnica do arco ao aliviar o peso da mão, fazendo a pressão ser exercida somente sobre a crina, com a ajuda dos dedos indicador e médio, o que realizava com um virtuosismo admirável. Um de seus alunos, Côme Le Blanc, o pai, dizia que ele conseguia imitar todas as inflexões da voz humana: do suspiro de uma jovem ao soluço de um idoso; do grito de guerra de Henrique de Navarra à suavidade da respiração de uma

criança que desenha concentrada; do arquejo às vezes descompassado do prazer à gravidade quase muda, com pouquíssimos acordes, vazios, de um homem absorto em orações.

II

A estrada que levava à casa de Sainte Colombe ficava barrenta quando chegava o frio. Sainte Colombe detestava Paris, o estalido dos cascos dos cavalos e o tinir das esporas no calçamento, o ranger dos eixos das carruagens e o ferro das charretes. Era cheio de manias. Esmagava escaravelhos e besouros com a base dos castiçais, o que fazia um barulho singular: o lento estalar das mandíbulas e élitros sob a pressão regular do metal. As pequenas gostavam de vê-lo fazer aquilo com satisfação. Até lhe levavam joaninhas.

O homem não era tão frio quanto o descreviam; era desajeitado ao expressar as emoções; não sabia fazer os gestos de carinho de que as crianças tanto gostam; não era capaz de manter uma conversa durável com ninguém, salvo com os senhores Baugin e Lancelot. Sainte Colombe fora companheiro de estudos de Claude Lancelot e se encontrava às vezes com ele nos dias em que a senhora de Pont-Carré recebia convidados. Fisicamente, era um homem alto, espinhoso, muito magro, amarelo como um marmelo, brusco. Mantinha a coluna surpreendentemente reta, o olhar fixo, os lábios cerrados. Embora reservado, era capaz de se descontraír.

Gostava de jogar baralho com as filhas enquanto tomava vinho. Naqueles tempos, fumava todas as noites um longo cachimbo de barro das Ardenes. Não costumava seguir a moda. Usava os seus cabelos negros amarrados, como no tempo das guerras, e em volta do pescoço, sempre que saía de casa, um colarinho plissado. Na juventude, fora apresentado ao falecido rei e, desde então, sem que se soubesse por quê, nunca mais pôs os pés no Louvre ou no antigo castelo de Saint-Germain. Nunca mais tirou as roupas pretas.

Podia tanto ser violento e irritadiço quanto terno. Quando ouvia chorar durante a noite, acontecia-lhe de ir ao andar de cima e, com a vela nas mãos, cantar ajoelhado entre as filhas:

*Sola vivebat in antris Magdalena
Lugens et suspirans die ac nocte...*

ou então:

*Ele morreu pobre e pobre eu viverei
E o ouro
Repousa
No palácio de mármore onde ainda brinca o rei.*

Às vezes, as pequenas perguntavam, sobretudo Toinette:

“Como era a mamãe?”

Ele se entristecia, então, e não se podia tirar dele mais nenhuma palavra. Um dia, disse a elas:

“Vocês precisam ser boazinhas. Precisam ser trabalhadoras. Estou contente com as duas, sobretudo com Madeleine, que é mais sensata. Lamento a perda da vossa mãe. Cada uma das lembranças que guardei da minha esposa é um pedaço de alegria que nunca mais vou reaver.”

Desculpou-se novamente com elas por não conseguir se expressar bem; a mãe delas, ela sim, sabia falar e rir; disse que, quanto a ele, tinha pouco apego à linguagem e nenhum prazer na companhia das pessoas, nem na dos livros e dos discursos. Mesmo as poesias de Vauquelin des Yveteaux e aquelas dos seus antigos amigos nunca lhe agradavam totalmente. Fora próximo do senhor de La Petitière, que tinha sido guarda-do-corpo do Cardeal, tornando-se mais tarde solitário e sapateiro daqueles senhores, substituindo o senhor Marais, o pai. O mesmo se aplicava à pintura, salvo a do senhor Baugin. O senhor de Sainte Colombe não apreciava a pintura que fazia, na época, o senhor de Champagne. Considerava-a mais triste do que grave, e mais pobre do que sóbria. O mesmo valia para a arquitetura, a escultura, as artes mecânicas, a religião, com exceção da senhora de Pont-Carré. A verdade é que a senhora de Pont-Carré tocava teorba e alaúde muito bem, pois não sacrificara completamente a Deus esse dom. Ela lhe enviava de vez em quando sua carruagem, quando já não suportava mais tanta privação de música, o fazia ir a seu palacete e o acompanhava à teorba até ficar

com a vista embaralhada. Tinha uma viola preta da época do rei Francisco I, que Sainte Colombe manejava como se fosse um ícone egípcio.

Era sujeito a cóleras sem motivos aparentes, o que apavorava as crianças, pois, durante esses acessos, quebrava os móveis gritando: “Ah! Ah!”, como se estivesse sufocando. Era bastante exigente com elas, tinha medo de que não fossem muito bem instruídas por um homem sozinho. Era severo e não deixava de puni-las. Não sabia repreendê-las, nem levantar a mão para elas, nem lhes mostrar o chicote; assim, ele as trancava no celeiro ou na adega, onde as esquecia. Guignotte, a cozinheira, ia soltá-las.

Madeleine nunca se queixava. A cada cólera do pai, ela se comportava como uma embarcação que virava e afundava de repente: deixava de comer e se recolhia no silêncio. Toinette se rebelava, fazia reivindicações, gritava com ele. À medida que crescia, seu temperamento ficava cada vez mais parecido com o da senhora de Sainte Colombe. A irmã, com o rosto imerso no medo, não dizia uma palavra sequer e recusava até mesmo uma colherada de sopa. De resto, elas o viam pouco. Viviam na companhia de Guignotte, do senhor Pardoux e do senhor de Bures. Ou iam à capela limpar as estátuas, tirar as teias de aranha e arranjar as flores. Guignotte, que era originária do Languedoc e tinha o costume de deixar os cabelos sempre soltos nas costas, fizera-lhes varas de pescar quebrando galhos

de árvores. Assim que o bom tempo chegava, as três, com um fio, um anzol e um papelote servindo de isca para ver os peixes físgarem, enrolavam as saias e deslizavam os pés nus na lama. Tiravam do Bièvre a fritura da noite, que misturavam na frigideira com um pouco de farinha de trigo e vinagre do vinho das cepas do senhor de Sainte Colombe, que era bem medíocre. Durante esse tempo, o músico ficava horas sentado em seu tamborete, sobre um velho pedaço de veludo verde de Gênova que as suas nádegas haviam consumido, trancado em sua cabana. O senhor de Sainte Colombe a chamava de sua “*vorde*”. “*Vordes*” é uma palavra antiga que designa a borda úmida de um curso de água sob os salgueiros. No alto da amoreira, em frente aos salgueiros, com a cabeça ereta, os lábios cerrados, o torso inclinado sobre o instrumento, a mão tateando sobre os trastes, enquanto aperfeiçoava sua técnica com exercícios, acontecia de árias ou lamentos irromperem sob seus dedos. Quando reapareciam ou, quando se tornavam uma obsessão e o importunavam em seu leito solitário, abria o caderno de música vermelho e os transcrevia apressadamente para não mais se preocupar.